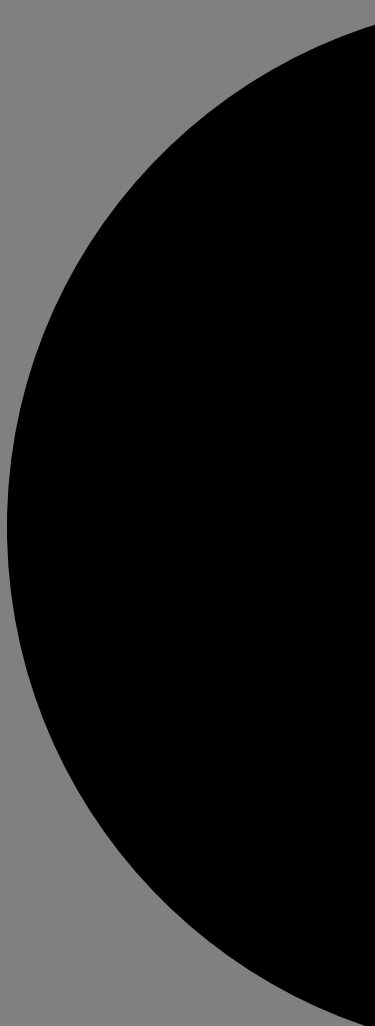


MINISTÉRIO DO TURISMO
GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
POR MEIO DA SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA
MAPFRE
FUNDACIÓN MAPFRE
INSTITUTO TOMIE OHTAKE
apresentam

NICHOLAS NIXON

COLEÇÕES FUNDACIÓN MAPFRE

PUBLICAÇÃO EDUCATIVA



ÍNDICE

NICHOLAS NIXON
COLEÇÕES FUNDAÇÃO MAPFRE **4**

APRESENTAÇÃO **7**

PUBLICAÇÃO EDUCATIVA **10**

QUANDO COMEÇA UMA FOTOGRAFIA **14**

ESTAR DIANTE DA CÂMERA **27**

QUANDO A FOTO É MATÉRIA **43**

TODA FOTO É UMA HISTÓRIA **56**

ROTEIRO
PROVOCAEDUCATIVO EM LIBRAS **72**

LER FOTOGRAFIAS **74**

FICHA TÉCNICA **88**

NICHOLAS NIXON

COLEÇÕES FUNDACIÓN MAPFRE



Ouçá a narração deste texto clicando aqui.

O Instituto Tomie Ohtake traz ao Brasil, pela primeira vez, uma mostra individual do fotógrafo Nicholas Nixon (1947, Detroit, EUA). Em cartaz de 22 de janeiro a 18 de abril de 2021, a exposição *Nicholas Nixon: Coleções Fundación MAPFRE*, com curadoria de Carlos Gollonet e acervo da Fundación MAPFRE, faz um percurso pela produção fotográfica de Nixon, desde as paisagens até as fotografias documentais e os retratos. Quase 200 imagens apresentam seu olhar poético sobre as questões da vida, da morte e das relações entre as pessoas, bem como seu impressionante virtuosismo técnico nas experimentações realizadas com a câmera de grande formato.

A fotografia como campo de investigação e prática profissional não foi a primeira escolha de Nicholas Nixon, que cursou literatura na Universidade de Michigan. Em 1968,

Nixon participou de um curso de férias sobre fotografia e interessou-se pela técnica, inspirado por fotógrafos como Henri Cartier-Bresson (1908–2004, França) e Walker Evans (1903–1975, EUA). Dois anos depois, mudou-se para Albuquerque, onde iniciou uma pós-graduação em belas artes na Universidade do Novo México. Da década de 1970 até agora, Nicholas Nixon vem construindo um denso diário de imagens composto por retratos, fotografia documental e paisagens, feitas principalmente com câmera analógica de grande formato e filmes em preto e branco.

Seu interesse recaiu, inicialmente, sobre as paisagens de Albuquerque e Boston, que fizeram parte de suas primeiras exposições. Aos poucos, as pessoas foram aparecendo nas fotografias de Nicholas Nixon, que aprimorava o uso da câmera de grande formato enquanto registrava a vida nas varandas e outros espaços de convivência às margens do rio Charles, perto de Boston, e nos subúrbios de Kentucky e Flórida.

Na década de 1980, Nixon aprofunda o interesse pelo retrato e pela passagem do tempo, quando dá início à série *Idosos*, em que fotografou pessoas residentes em lares de

idosos. No fim da mesma década, e como desdobramento do olhar do fotógrafo para a vida e a morte, surge a série *Pessoas com aids*, com retratos de 15 pessoas registradas por Nixon desde o primeiro encontro até a morte.

Outros temas evocados por Nixon, além da passagem do tempo e da fragilidade humana, são o afeto e a intimidade, que tomam corpo, principalmente, nas fotografias da esposa Bebe Brown e de seus dois filhos, Sam e Clementine, feitas desde a década de 1980. Tais assuntos também aparecem na série *Casais*, iniciada na virada do século, em que Nicholas fotografou a intensidade física e emocional existente nas relações.

A produção de Nixon destaca-se, sobretudo, pela criação de retratos, assunto ao qual se dedicou durante a maior parte de sua carreira. Nesse campo, destaca-se a série *As irmãs Brown*, onde Bebe e suas três irmãs são fotografadas anualmente desde 1975.

As fotografias de Nicholas Nixon fazem parte do acervo do Metropolitan Museum of Art, MoMA, San Francisco Museum of Modern Art, National Gallery of Art, Smithsonian Institution, Museum of Fine Arts, entre outros.

APRESENTAÇÃO

O Núcleo de Cultura e Participação do Instituto Tomie Ohtake realiza um extenso programa que promove a atuação dos públicos nos campos da arte e da cultura.

O programa inclui visitas e ateliês em torno das exposições em cartaz, formação de professores, cursos, debates, workshops, performances, mostras de filmes, publicações e premiações para professores, artistas, arquitetos e designers, além de outras oportunidades de fruição, reflexão e experimentação da arte. Atualmente, as ações acontecem virtualmente e esperamos que, em breve, possamos voltar a nos encontrar com toda a segurança.

Desenvolver materiais educativos como este, em colaboração com educadores e distribuído gratuitamente, é uma maneira de ampliar o alcance das discussões trazidas

pelas mostras em cartaz no Instituto Tomie Ohtake para a esfera da educação formal e não formal, a partir de um olhar crítico e investigativo.

A obra de Nicholas Nixon nos convida a um mergulho na intimidade, nos afetos, na fragilidade humana e na passagem do tempo, temas que nos atravessam profundamente neste momento sensível de isolamento social e insegurança com a vida. Que as imagens e reflexões oferecidas aqui contribuam para suas conversas e processos pedagógicos com seus estudantes, seja hoje por meio das tecnologias de comunicação a distância, seja amanhã presencialmente nos espaços educativos em que você atua.

Convidamos você também a visitar o Instituto Tomie Ohtake para conhecer esta e outras exposições em cartaz, que estão sendo organizadas com atenção rigorosa a todos os protocolos de segurança para a contenção da pandemia de Covid-19. Confira também nossa oferta de atividades educativas virtuais pelo www.institutotomieohtake.org.br e nos envie suas ideias, dúvidas ou comentários pelo e-mail participacao@institutotomieohtake.org.br.

Por fim, calorosos agradecimentos aos educadores e educadoras que atuaram no desenvolvimento desta publicação junto à equipe do Núcleo de Cultura e Participação, pois suas contribuições aportam sentido, potência e tangibilidade para o encontro entre arte e educação.

Boa leitura!

Felipe Arruda

Diretor

Núcleo de Cultura e Participação do
Instituto Tomie Ohtake

PUBLICAÇÃO EDUCATIVA

AD))) Ouça a narração deste texto clicando aqui.

Esta publicação educativa surgiu da insistência coletiva na educação, na arte e na cultura. Foi elaborada pela escuta de diferentes experiências e pelo desejo de contribuir para que sigamos em contato, inventando formas de educação que caibam nos novos tempos e, também, no mundo futuro que desejamos construir coletivamente. Nesse sentido, merecem destaque as experimentações feitas pelas pessoas que atuam no campo da educação, em suas várias instâncias, e que, durante o período de isolamento imposto pela pandemia de Covid-19, empreenderam grandes esforços para que as atividades educativas e as relações com estudantes e comunidade escolar permanecessem ativas.

Lançamo-nos ao desafio de criar uma publicação educativa digital, acessível e feita de forma colaborativa que, além de apresentar uma parte do universo criado por Nicholas Nixon, suas fotografias e todas as pessoas que se deixaram

ser registradas, pretende contribuir com as práticas de educação e mediação inventadas e experimentadas nos espaços educativos, aqui entendidos não somente como a escola, mas como qualquer lugar em que existe disponibilidade e desejo de construir e transformar relações.

Assim como as fotografias precisam de, no mínimo, três pontos de observação – atrás da câmera, na frente da câmera e diante da imagem –, elaboramos este projeto a partir da reunião de diferentes pontos de vista sobre o assunto, vindos de experiências, repertórios e interesses múltiplos.

Como a fotografia faz parte de sua vida?

A partir dessa pergunta, foram criadas seis constelações temáticas com pequenos textos, vídeos, perguntas, provocações, propostas de atividades e fotografias. Você pode acessar esses conteúdos investigando as páginas seguintes ou clicando no índice.

Quando começa uma fotografia parte do ponto de vista de quem fotografa e nos provoca a pensar essa prática para além da imagem.

Estar diante da câmera aborda o retrato a partir do ponto de vista de quem posa, entendendo-o como uma relação entre diferentes pessoas.

Quando a foto é matéria apresenta a fotografia analógica e nos convida a observar suas características através das fotografias de Nicholas Nixon.

Toda foto é uma história busca pensar a fotografia a partir de seus aspectos narrativos, evocando o modo como a fotografia faz parte de nossas vidas.

Roteiro provocaeeducativo em Libras propõe uma imersão na produção fotográfica de Nicholas Nixon tendo como pilares o tempo, a intimidade, a vida e a morte.

Ler fotografias lança mão de aspectos da linguagem fotográfica e nos convoca a ler e escrever as imagens.

Junto a esses conteúdos, estão 18 fotografias de Nicholas Nixon que também podem ser acessadas clicando no mosaico da primeira página desta publicação educativa.

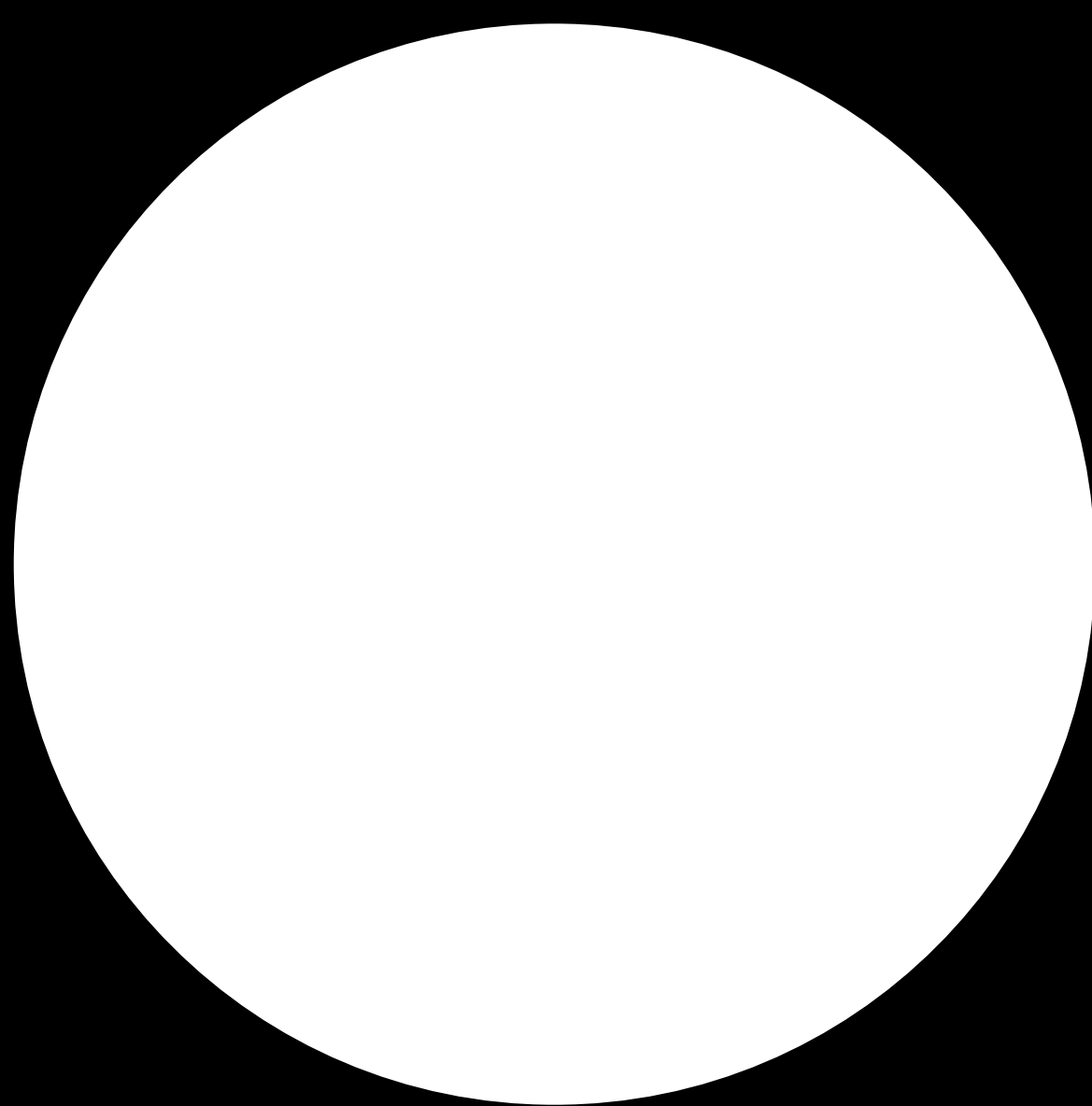
Todas elas contam com audiodescrição disponível nos links localizados perto de cada fotografia. A experiência de observar por meio da mediação da audiodescrição transcende o seu objetivo primeiro, que é oferecer acesso às pessoas com deficiência visual, e intensifica a multissensorialidade ótica que se revela ao “verouvindo”.

As páginas seguintes abrigam também cinco propostas de atividades e algumas perguntas que visam provocar as leituras, tanto das imagens quanto dos textos. As propostas de atividades e perguntas provocadoras podem ser compartilhadas pelas redes sociais e aplicativos de mensagens com estudantes, colegas, familiares e quem mais você quiser convidar para essa experiência.

Convidamos você a passear por este material educativo como se passeia por uma fotografia, deixando o olhar vagar ao sabor dos detalhes, percorrendo o caminho no tempo que for necessário, inventando suas próprias trilhas e deixando-se fazer parte das histórias contadas aqui.

**Núcleo de Cultura e Participação do
Instituto Tomie Ohtake**

QUANDO COMEÇA₅



UMA FOTOGRAFIA

Fotografar é muito mais do que o registro de um instante. Quando fotografamos, não somente captamos a realidade de algo por meio da câmera, mas também construímos um discurso sobre essa dada realidade a partir do lugar que ocupamos no mundo. O professor e pensador Philippe Dubois (1952, Bélgica), no livro *O ato fotográfico* (1983), considera que qualquer fotografia é uma espécie de jogada: começa com um objetivo, transforma-se em ação e termina com a observação dos resultados.

O objetivo é definido tanto pela vontade imediata de quem fotografa quanto por seu repertório prévio, como os lugares por onde passou, a proximidade com a linguagem fotográfica, os interesses pessoais e aquilo que deseja comunicar.

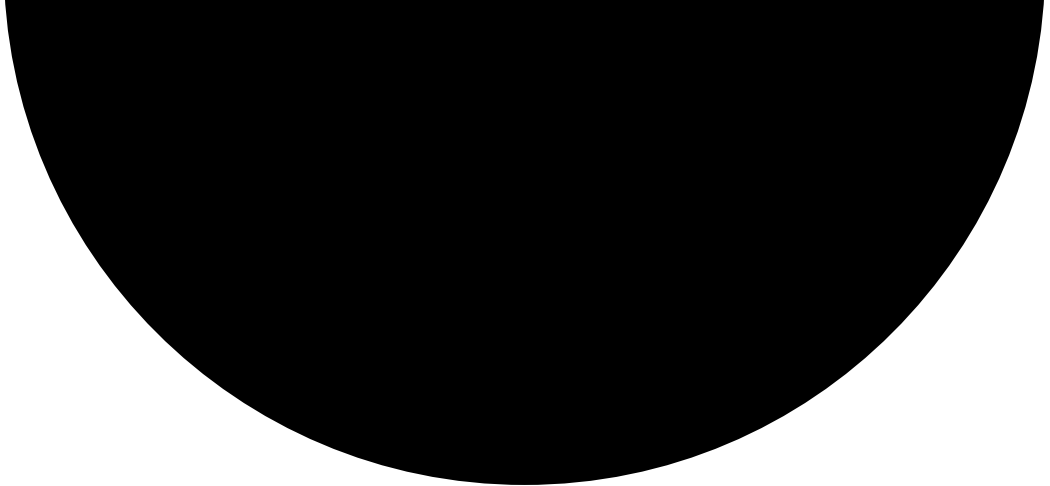
A ação, ou a própria jogada, pode ser entendida como o ato de acionar o obturador e captar uma imagem, uma aposta feita no sentido de alcançar os objetivos. Após a ação, há a análise e seleção das melhores jogadas.

Dubois vai além e comenta sobre a compulsão da repetição que nos faz insistir até acertar a jogada. Por exemplo, quando você deseja fazer um autorretrato, quantos cliques você dá?

Todas as escolhas feitas por quem fotografa, desde as miudezas quase imperceptíveis até os grandes gestos, criam camadas de significado, interpretação e mistério sobre a imagem – principalmente mistério.

A primeira escolha é estar presente com a câmera, circulando o fragmento da vida que se deseja citar na fotografia, pensando e escolhendo, ainda que intuitivamente (ou deixando o corpo escolher uma forma entre as muitas que conhece), uma distância, um ângulo, um enquadramento, um foco etc.

Depois do clique, há ainda muitas escolhas a serem feitas. Para além das questões técnicas implicadas no processo de revelação da fotografia analógica ou na edição da fotografia digital, a imagem se abre à contribuição subjetiva do título, da legenda e do repertório das pessoas que a veem. No fim, deixamos ao mundo uma pequena parte de nossa aventura de criar.



POR QUE FOTOGRAFAR?

Na época em que estudou na Universidade do Novo México, Nicholas Nixon investigou a cidade de Albuquerque e seus arredores com uma câmera de grande formato, com a qual fez a fotografia *El Mar Motel, Albuquerque* (1974). Seu interesse inicial eram as paisagens e as marcas da presença humana evidentes nelas, como as pequenas construções diante de um horizonte a perder de vista, símbolo do avanço da cidade sobre o deserto.

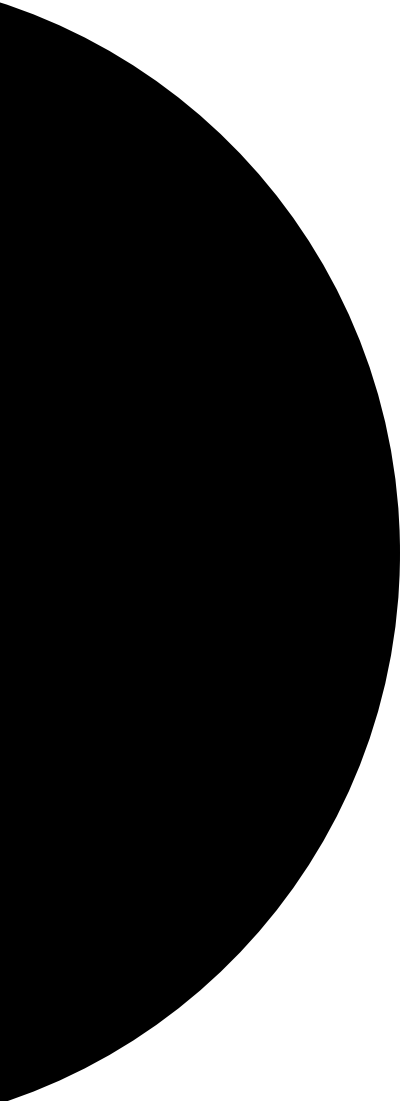
Outros fotógrafos da mesma época compartilharam do interesse de Nixon, como mostrou a exposição *Novas Topografias - Fotografias de uma paisagem alterada pelo homem* (New Topographics - Photographs of a man-altered landscape), realizada na George Eastman House em 1975, da qual Nixon também participou. A mostra representou um ponto de inflexão na fotografia de paisagem nos Estados Unidos, onde as cenas naturais idílicas e romantizadas davam lugar a situações prosaicas e imagens da expansão urbana.



 VOLTAR

 Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

El Mar Motel, Albuquerque, 1974
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon



O QUE FOTOGRAFAR?

A série *As irmãs Brown* começou a ser construída em 1975 e atualmente conta com 45 imagens. Uma vez por ano, Nixon faz uma fotografia de sua esposa Bebe Brown junto com as três irmãs. Heather, Mimi, Bebe e Laurie, da esquerda para a direita, respectivamente, mantêm suas posições da primeira foto até a mais recente, todas feitas com a mesma câmera e sempre em ambientes externos.

A escolha de fotografar anualmente as pessoas da família não é inédita ou exclusiva, mas destaca-se pela repetição e pela técnica. As imagens deixam como legado, além da possibilidade de perceber a passagem do tempo e elementos culturais daquele grupo, um relato sobre o modo como o fotógrafo e as modelos se comprometeram com o projeto e foram aprendendo com ele no decorrer dos anos.

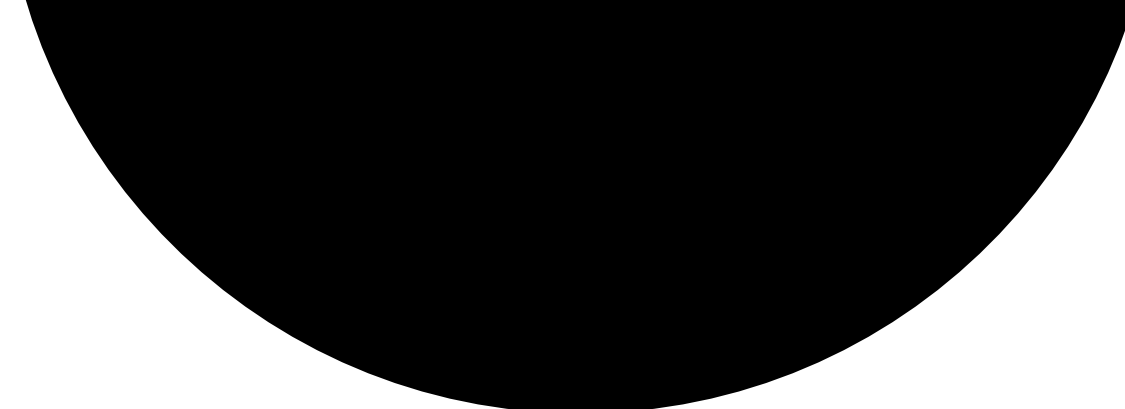
Nesta publicação educativa, você pode ver as imagens produzidas nos anos de 1975, 1984, 1992, 2011 e 2019.



 **VOLTAR**

 Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

As irmãs Brown, 1975
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon



O QUE CONTAMOS SOBRE NÓS QUANDO FOTOGRAFAMOS?

O fotógrafo Henri Cartier-Bresson (1908-2004, França), cuja produção influenciou Nicholas Nixon no início de sua carreira, cunhou o conceito de “instante decisivo” para definir a junção perfeitamente harmoniosa entre elementos visuais e emocionais que expressa a essência de uma situação.

Em 1982, o fotógrafo de paisagens Frank Gohlke (1942, EUA) registrou um instante decisivo de uma vista do estado do Texas. Posteriormente, a fotografia feita por Frank foi instalada em uma parede da casa de Nixon, em Brookline. Dessa convivência surgiu *Detalhe de “Paisagem do Texas” de Frank Gohlke, Brookline* (2016).

O gesto aparentemente redundante de fotografar uma fotografia fundou uma nova paisagem, iluminada pelos raios de sol que visitaram a casa de Nicholas Nixon em 2016 e revelada por seu desejo de registrar o prazer de um momento que provavelmente nunca se repetirá.



 **VOLTAR**

 Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

*Detalhe de “Paisagem do Texas” de Frank Gohlke, Brookline, 2016
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon*

COMO AS SENSACÕES PODEM VIRAR FOTOGRAFIAS?

Converse com as pessoas próximas de você sobre uma sensação, um cheiro, um gosto ou outra coisa que tenha criado uma memória marcante para cada uma. A partir da conversa, crie uma intenção e faça uma fotografia. Por exemplo, qual parte da casa pode nos remeter à passagem de tempo? O que evoca a memória de um cheiro forte? E uma sensação áspera? Um sabor doce?

POSTE AS FOTOS EM SUAS REDES SOCIAIS COM
A HASHTAG #EUNOTOMIE. APROVEITE PARA
CONFERIR COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE OUTRAS
PESSOAS QUE TAMBÉM USARAM A HASHTAG.



ESTAR DIANTE DA CÂMERA

A maioria das fotografias feitas por Nicholas Nixon a partir de 1977 registra pessoas das quais se aproximou de diferentes formas, revelando desde suas paisagens cotidianas, como as casas e objetos pessoais, até os menores e quase imperceptíveis detalhes de seus corpos e modos de existir.

Com o interesse pelas pessoas, vieram os temas que acompanhariam Nixon durante toda sua trajetória e definiriam sua poética pessoal, como a passagem do tempo, a fragilidade, a solidão e a intimidade. Segundo Peter Galassi, curador da mostra *Fotos de pessoas* (Pictures of People), realizada no MoMA em 1988, o fotógrafo estava interessado nos mistérios da vida e da morte.



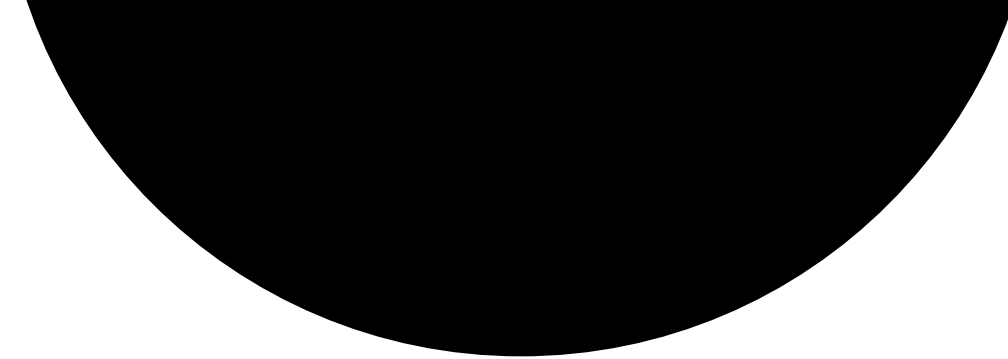
 VOLTAR

 Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

Laverne Colebut, Providence, Rhode Island | dezembro 1988
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon

Laverne Colebut gostava de cantar, era fã de Diana Ross e Billie Holiday. Aos 16 anos, saiu da casa de sua mãe, em Boston, e mudou-se para a Alemanha. Regressou aos Estados Unidos alguns anos depois, estabelecendo-se novamente em Boston, onde tentou reaproximar-se de sua família. Em seguida, quando se mudou para Atlanta, ao fazer exames para uma cirurgia, foi informada da presença do vírus HIV em seu sangue. Laverne Colebut é uma das quatro mulheres da série *Pessoas com aids* (People with aids), na qual Nixon acompanhou os últimos anos de vida de 15 pessoas com aids.

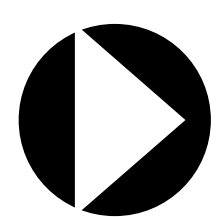
As fotografias foram expostas pela primeira vez na exposição *Fotos de pessoas* (1988). Na época, auge da epidemia de aids, Nixon recebeu críticas de ativistas do ACT UP (AIDS Coalition to Unleash Power), que o acusavam de recontextualizar a vida das pessoas com aids para servir aos objetivos discursivos das fotografias, e também de críticos de arte, como Douglas Crimp (1944-2019, EUA), que apontava uma estetização da epidemia sem refletir sobre seus impactos sociais. Para Nicholas Nixon, a série registrava a existência e a individualidade de quem teve a vida abreviada pela doença e que, em outros contextos, poderia ter existido apenas como uma vítima anônima em meio a números.



O QUE ACONTECE COM O CORPO QUANDO PERCEBE UMA CÂMERA?

Uma fotografia não é construída apenas pelos gestos do fotógrafo e pela câmera, mas tem participação ativa e fundamental das pessoas que estão do outro lado da lente. Para isso, existem acordos feitos entre quem fotografa e seus modelos. O primeiro deles é a disponibilidade de estar na frente da câmera, ao alcance da lente, e entregar-se à imagem que surgirá – talvez, superar o temor de imaginar-se visto de um jeito secreto demais para ser transformado em imagem.

Em *M.U., Gloucester* (2013) vemos uma mulher idosa, nua e de olhos fechados, relaxada e completamente entregue à experiência de ser fotografada, parecendo não se incomodar com a presença da grande câmera de madeira de Nicholas Nixon. A participação de M.U. foi voluntária, respondendo a um chamamento do fotógrafo cuja carreira já somava décadas. M.U. estava à vontade com a situação e com o próprio corpo, sendo essa entrega e segurança partes fundamentais e imprescindíveis do instante capturado pelo fotógrafo.



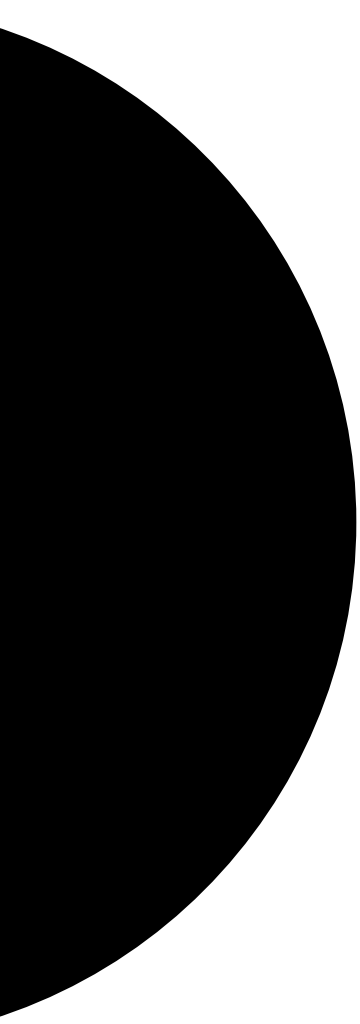
Como o Instagram distorce a realidade | Atila Iamarino



 VOLTAR

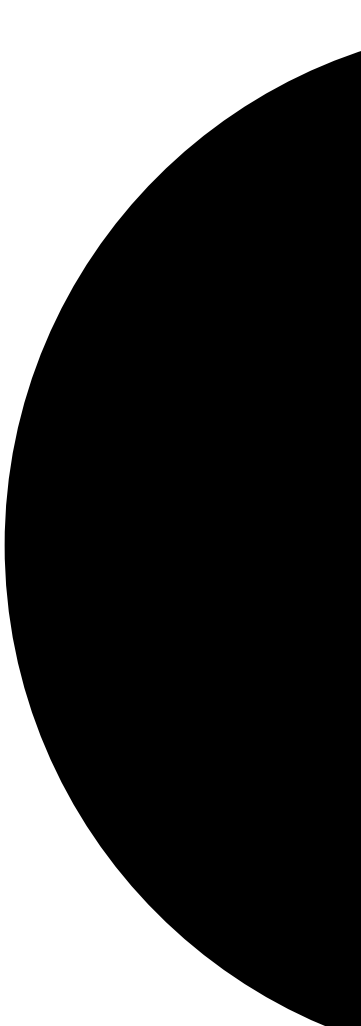
 Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

M.U., Gloucester, 2013
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon



COMO SE PARECE A

INTIMIDADE?



“Um bom retrato sempre me parece como uma biografia dramatizada, ou melhor, como o drama natural inerente a cada ser humano”.

Charles Baudelaire

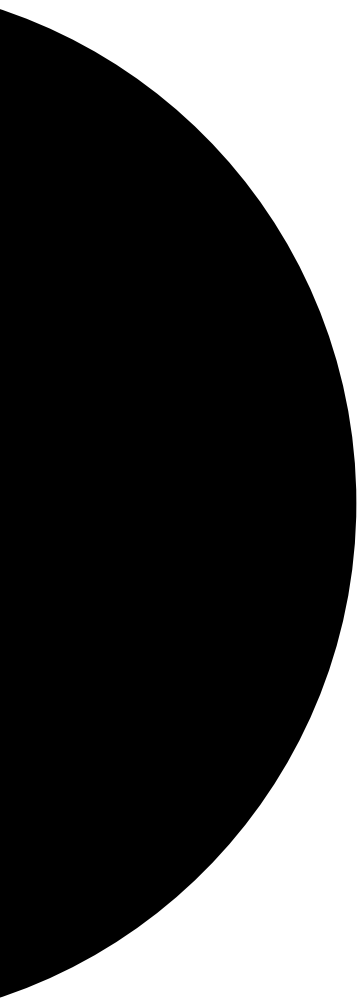
Nos anos 2000, Nixon iniciou uma série de fotografias de casais em momentos de intimidade e afeto, gestos às vezes recônditos e efêmeros demais para serem vistos. Em *V.T., J.S.* (2013) vemos uma parte de um acontecimento irrepetível cujo único vestígio é a fotografia. Ainda que a convivência entre o casal existisse posteriormente, o que a imagem nos revela é a participação de mais dois personagens: o fotógrafo e sua câmera são testemunhas e também parte da situação. A mulher não apenas se entrega ao toque da mão do homem em seu queixo, mas também nos olha afetuosamente através da lente da câmera extremamente próxima de seu rosto.



 **VOLTAR**

 Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

V.T., J.S., Boston, 2013
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon



COMO VOCÊ GOSTA DE APARECER NAS FOTOS?

O retrato das irmãs Brown tirado em 1992 é o 17º da série, o que significa que as quatro já estavam há 17 anos sendo fotografadas juntas pelo marido de Bebe Brown. Ainda que mantendo a ordem da primeira foto, as imagens são muito diferentes umas das outras. Essas diferenças são percebidas não somente nas mudanças dos corpos, como os cortes de cabelo, o envelhecimento da pele e as roupas, mas também no modo como as quatro participam da criação da imagem, negociam o espaço da fotografia e o que desejam oferecer ao insistente fotógrafo. As poses escolhidas pelas quatro irmãs nos contam que se trata de um momento de felicidade compartilhada, visível pelo esboço de sorriso presente em todos os rostos, pelos olhares afetuosos e pela mão de Heather sobre a barriga de Mimi.

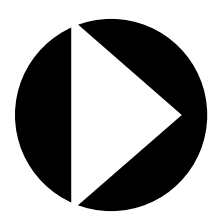


 **VOLTAR**

 Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

As irmãs Brown, 1992
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon

Um retrato nasce de relação e acordo entre as partes envolvidas, com consentimento, respeito e segurança. É normal sentirmos timidez quando estamos na frente da lente de uma câmera, principalmente se não temos o hábito de ocupar esse lugar. Nesses casos, a pessoa que está fotografando pode nos ajudar a relaxar e transformar a experiência de posar para a foto em algo mais agradável e que gera melhores resultados. No entanto, não deve ser normal nem aceitável quando essa ou qualquer outra situação faz com que uma ou mais pessoas envolvidas se sintam constrangidas, ameaçadas ou desrespeitadas. Relações construídas dessa forma são abusivas, constituem assédio e não podem ser toleradas.



O que não fazer em ensaios femininos +
alerta assédio | A Fotografeira

Um retrato é feito quando as partes se juntam: o olhar de quem fotografa e a presença de quem será fotografado. Convide uma pessoa para fazer retratos junto com você. Mesmo que vocês já se conheçam, conversem bastante antes de definirem como farão as fotografias; é uma ótima oportunidade de tentar ver algo novo. Depois de fotografarem, mostrem as fotos para outras pessoas e conversem sobre elas. O que os retratos comunicam? Como foi o processo? O que vocês aprenderam sobre fotografia? E sobre vocês?

POSTE AS FOTOS EM SUAS REDES SOCIAIS COM A HASHTAG #EUNOTOMIE. APROVEITE PARA CONFERIR COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE OUTRAS PESSOAS QUE TAMBÉM USARAM A HASHTAG.

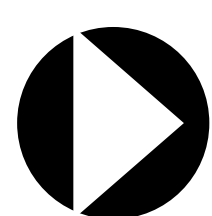
QUANDO A

FOTO

É MATÉRIA

Nicholas Nixon começou a fotografar na década de 1970 com câmeras analógicas. Esse tipo de equipamento produz imagens a partir de processos físicos e químicos. Primeiro, a luz atravessa a lente da câmera e forma uma imagem sobre uma superfície fotossensível, ou seja, que sofre alterações quando entra em contato com a luz. Essa superfície é o filme fotográfico que, após a sensibilização, dá origem ao negativo. Em seguida, o negativo passa pelo processo de revelação e, finalmente, surge a fotografia impressa em papel.

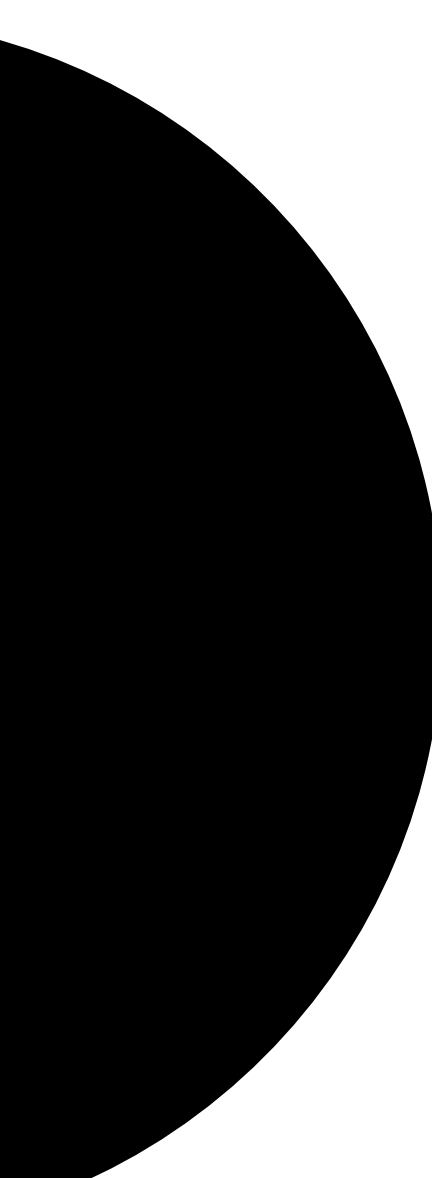
A fotografia analógica implica um tempo estendido da experiência. Como cada filme permite gerar poucas imagens, a quantidade de cliques normalmente é menor do que quando se utiliza uma câmera digital. Além disso, não é possível conferir o resultado logo após o clique; é preciso tirar o filme da câmera, levar para um laboratório de revelação e aguardar o tempo dos processos químicos necessários para que a imagem seja gravada no papel.



Processo De Revelação - exposição
"Câmeras: entre o clique e a foto" (MIS-SC)

“O que faz da fotografia uma invenção estranha – com consequências imprevisíveis – é que suas matérias-primas primárias são a luz e o tempo.”

John Berger



O QUE CABE EM UMA FOTOGRAFIA?



 VOLTAR

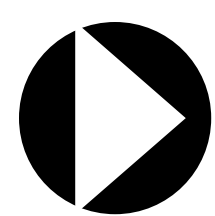
 Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

Vista da Old State House e Faneuil Hall, Boston, 2008
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon

 ÍNDICE

Nicholas Nixon fotografa com câmeras de grande formato. Isso significa que o filme fotográfico é grande, de tamanho igual ou maior que 12,7 x 10,2 centímetros, e a câmera precisa ser suficientemente ampla para abrigá-lo. As fotografias feitas com esse equipamento possibilitam o registro e a visualização de uma maior quantidade de detalhes, afinal, superfícies maiores comportam imagens maiores. Por esse motivo, as câmeras de grande formato foram muito populares entre fotógrafos que desejavam registrar grandes extensões de uma paisagem.

Em *Vista de Old State House e Faneuil Hall, Boston* (2008) é possível perceber detalhes como a textura das manchas no concreto do prédio, o ritmo e os reflexos nos vidros das janelas e a incidência dos raios de sol sobre a cidade, infiltrando-se pelos vãos entre os prédios da densa paisagem de Boston.



**Câmera Velha # 38 Minha coleção Graflex
(Grande Formato)**

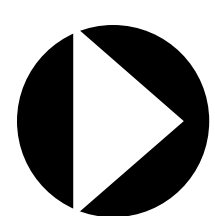


 **VOLTAR**

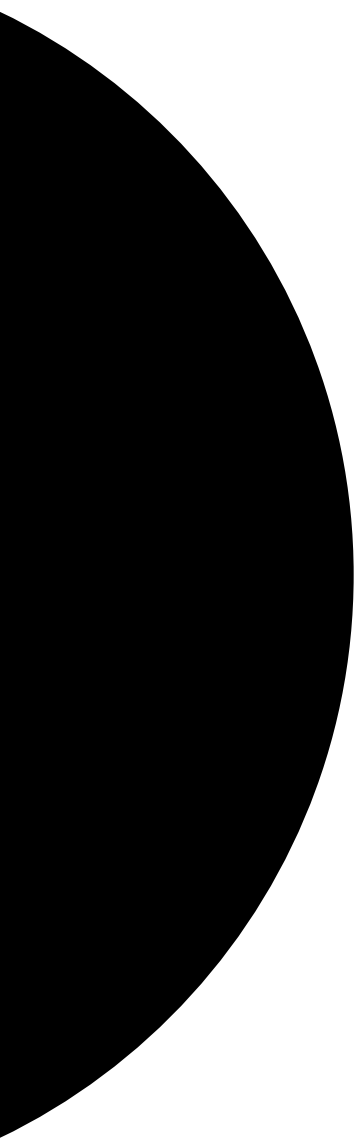
AD))) [Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.](#)

As irmãs Brown, 1984
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon

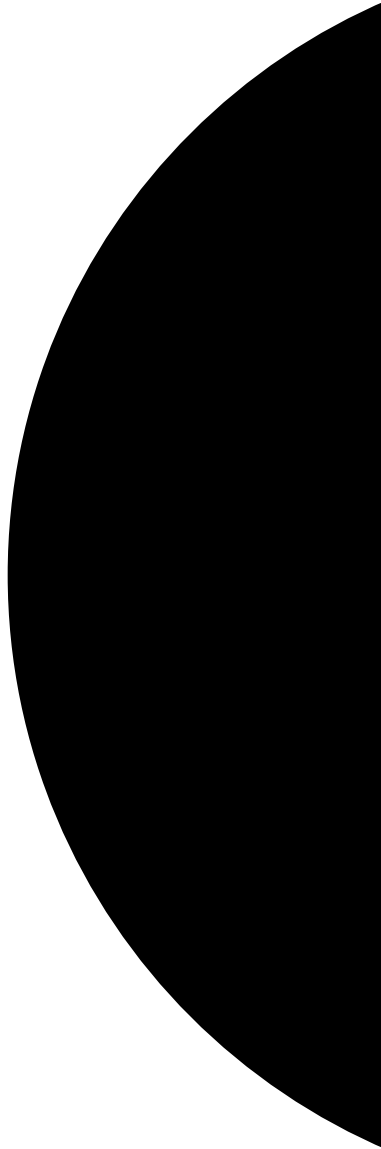
Na fotografia *As irmãs Brown* (1984), vemos as sombras de Nicholas Nixon e de sua grande câmera nos corpos de Mimi, Bebe e Laurie. A sombra do equipamento é cerca de duas vezes maior que a da cabeça do fotógrafo, o que nos ajuda a ter uma noção de seu tamanho. A cabeça de Nixon, diferentemente do que imaginávamos, não está atrás da câmera no momento exato do clique. O fotógrafo está ao lado. Isso acontece por causa do modo como sua câmera funciona. O filme fotográfico, quando inserido na câmera para ser sensibilizado pela luz, fica entre a lente e o visor, bloqueando a visão do fotógrafo. Por isso, é preciso olhar e fazer os ajustes necessários, como tempo de exposição, foco e enquadramento, antes de inserir o filme e acionar o obturador.



**Câmera Velha # 59 Fotografando retrato com
câmera de grande formato (Fotografia Analógica)**



QUAL É O TEMPO DA FOTO?





 **VOLTAR**

AD Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

Bebe e eu, Brookline, 2012
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon

O surgimento das câmeras frontais nos aparelhos celulares, sem dúvida, facilitou muito a criação dos autorretratos. Com essa tecnologia, conseguimos conferir exatamente como ficará o enquadramento e quais ajustes precisamos fazer para que a fotografia saia como imaginamos. A fotografia *Bebe e eu, Brookline* (2012) foi feita com uma câmera analógica de grande formato que não oferece essa possibilidade e, no entanto, nos dá a sensação de que tudo está exatamente no lugar desejado pelo fotógrafo.

Nicholas Nixon vem trabalhando com as câmeras de grande formato há quase cinco décadas, experimentando fotografar primeiro as paisagens e depois os retratos, e desenvolvendo maneiras próprias de explorá-las. O nível de detalhamento possibilitado pelo equipamento e o enquadramento escolhido pelo fotógrafo, com a câmera muito próxima, faz com que pelos, cabelos e pele se assemelhem a texturas abstratas ou paisagens.

“As fotografias em que Bebe e eu aparecemos eram um experimento consciente de utilizar a câmera de grande formato para nos observarmos como mamíferos, felizes, envelhecendo juntos.”

Nicholas Nixon

EXPERIMENTAR O TEMPO DA FOTOGRAFIA ANALÓGICA

Durante a semana, faça sete fotografias para contar um pouco sobre sua vida. Você também pode escolher ou inventar uma história para ser contada em sete poses. Escolha os assuntos, lugares e formatos que desejar, mas faça apenas um único clique por dia. Se possível, tente não olhar as fotografias logo depois de fazê-las e aguarde o fim da experiência para ver todas juntas.

POSTE AS FOTOS EM SUAS REDES SOCIAIS COM
A HASHTAG #EUNOTOMIE. APROVEITE PARA
CONFERIR COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE OUTRAS
PESSOAS QUE TAMBÉM USARAM A HASHTAG.

TODA

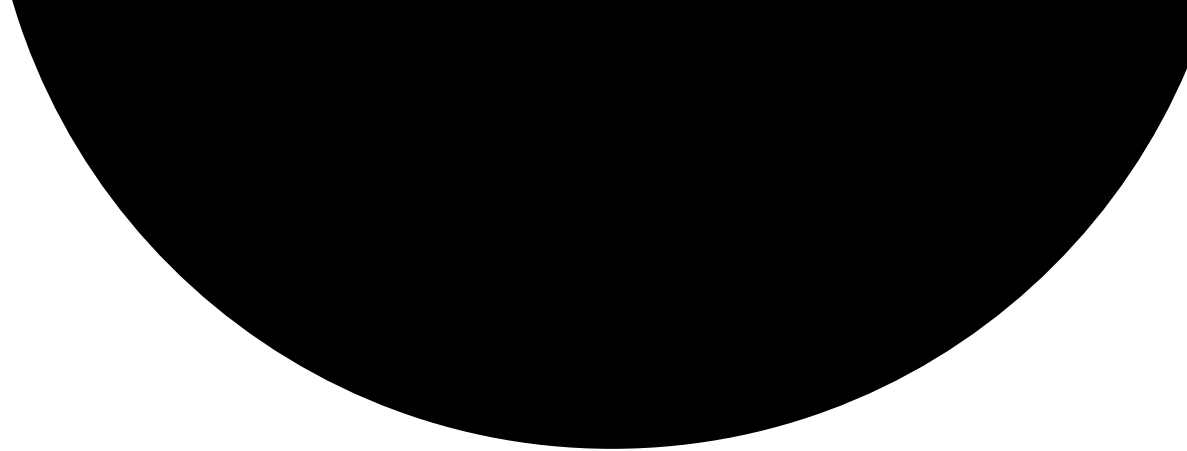


É UMA HISTÓRIA

Uma fotografia é essencialmente a mistura entre o passado e o presente. Por um lado, o instante registrado localiza-se necessariamente no passado. Por outro, a fotografia, como matéria ou como dígito, existe e adquire significado no momento em que nos relacionamos com ela, situação inscrita no tempo presente.

Há uma relação de descontinuidade entre o instante fotografado e o momento em que vemos uma fotografia: o instante que existiu no passado se repete na imagem de forma descontínua, assunto explorado pelo escritor John Berger (1926, Reino Unido - 2017, França) no livro *Para entender uma fotografia* (2013).

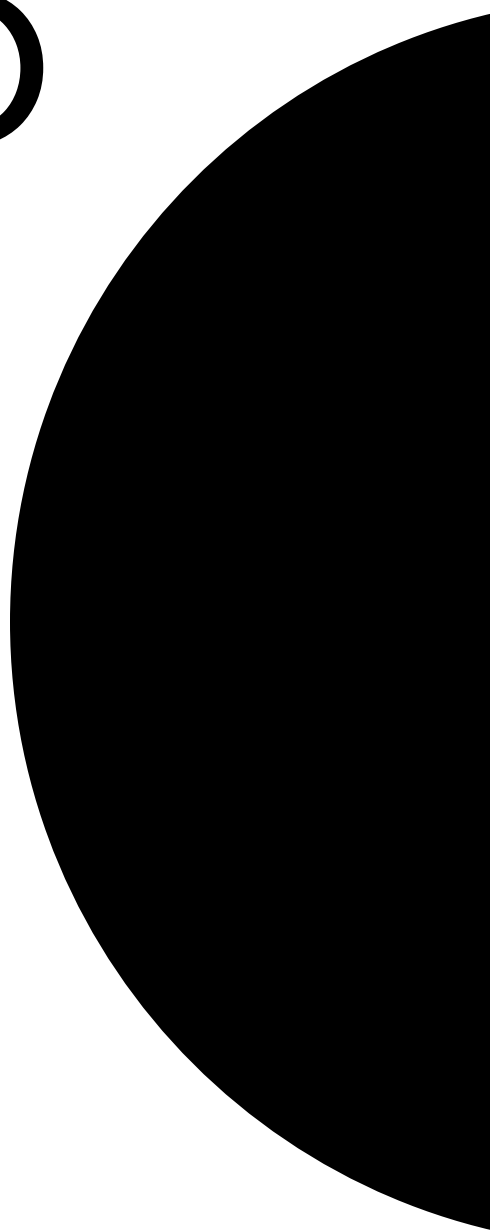
Quando observamos fotografias cujo contexto não conhecemos, temos certeza de que as pessoas, lugares e objetos ali registrados realmente existiram, mas não conhecemos o significado de sua existência. Entre a prova da existência e o mistério do significado reside a imaginação: cada elemento presente na imagem é uma pista da qual nos apropriamos para criar narrativas.



QUANDO VOCÊ FOTOGRAFOU PELA PRIMEIRA VEZ?

Todo mundo tem uma história para contar quando o assunto é fotografia. Um álbum de família fala sobre acontecimentos e pessoas que, às vezes, existiram em um tempo diferente do nosso, mas nos ajudam a entender quem somos e narrar nossa própria história. O retrato de uma pessoa desconhecida nos instiga a contextualizar, através da imaginação e do repertório cultural, aspectos de sua vida, como idade, lugar onde vive, profissão, seu humor no momento da foto, entre outras tantas partes de sua existência. A fotografia é um artefato construído pela sociedade e, portanto, reflete suas características, constituindo um meio privilegiado para conhecermos e inventarmos histórias e jeitos de olhar.

O QUE ACONTECE QUANDO UMA FOTO ACONTECE?



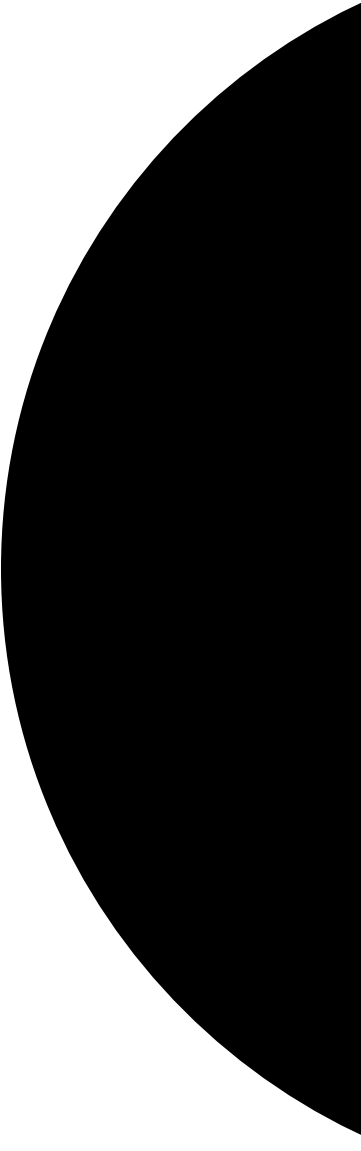
Em *Sharon, Pennsylvania* (1980) vemos um casal em sua varanda. Enquanto ri, a mulher segura afetuosamente a mão do homem que sorri a seu lado. A imagem registra um momento entre algo que foi dito, alguém que passou ou algum acontecimento que nos é impossível acessar pela imagem, mas do qual podemos saborear uma parte e imaginar quantas mais quisermos.



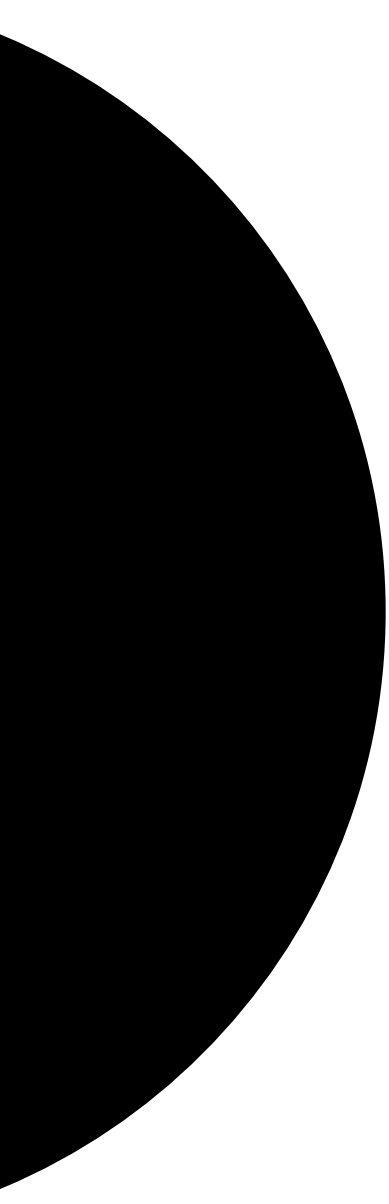
 VOLTAR

 Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

Sharon, Pennsylvania, 1980
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon



O QUE
AS VARANDAS



NOS CONTAM?

Em *Taunton Avenue, Hyde Park, Massachusetts* (1979) vemos cinco crianças e um mulher em uma varanda. A atenção das personagens se divide entre a câmera, que cria a ilusão de que a menina do centro da foto nos encara e segura um sorriso, e algo que está acontecendo do lado direito da cena, fora dos limites do quadro.

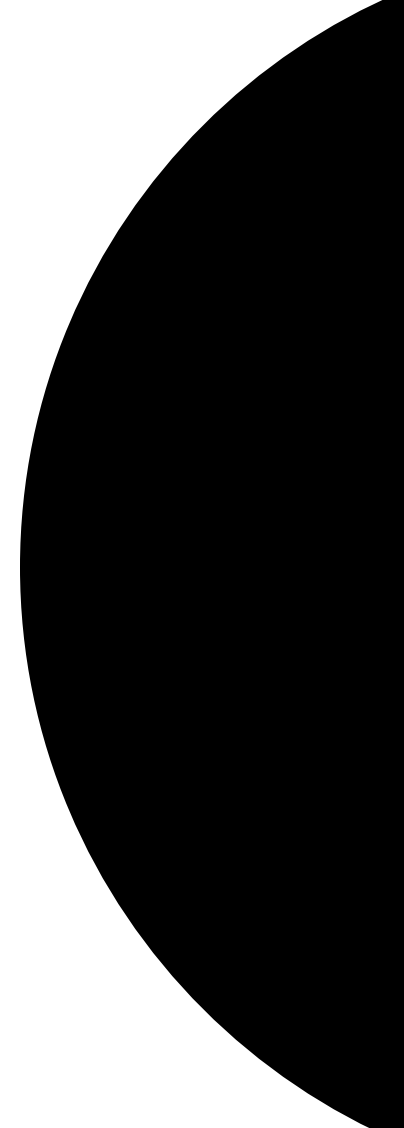
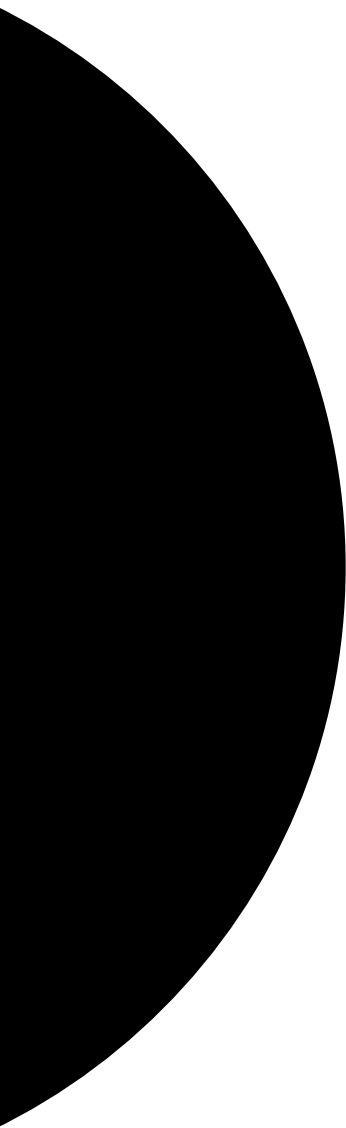
Nicholas Nixon passou anos fotografando pessoas desconhecidas fazendo coisas comuns em suas varandas, entendidas por ele como zonas de transição entre o público e o privado, lugares onde nos sentimos mais à vontade do que na rua e menos à vontade do que em casa. Esses espaços híbridos revelam hábitos, rituais, memórias, relações e modos de vida em um lugar e um tempo específicos.



 **VOLTAR**

AD  Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

Taunton Avenue, Hyde Park, Massachusetts, 1979
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon



QUE HISTÓRIAS MORAM NOS DETALHES?



 **VOLTAR**

AD  Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

Clementine e Bebe, Cambridge, 1986
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon

Diferentemente dos enquadramentos normalmente vistos nas fotos de bebês com suas mães, a fotografia *Clementine e Bebe, Cambridge* (1986) não mostra rostos. Ao abdicar da forma tradicional de comunicar uma identidade, o fotógrafo desloca o próprio olhar para expor as relações de afeto e cuidado entre as pessoas próximas, revelando partes de sua história que dificilmente estariam nos álbuns familiares, como o corte no braço de Bebe e o modo delicado e despretensioso como ampara o corpo da pequena Clementine.



 VOLTAR

 Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

As irmãs Brown, 2019
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon

O tradicional modo de fazer da série *As irmãs Brown* foi momentaneamente interrompido pela pandemia de Covid-19, que impediu que as quatro irmãs e o fotógrafo se reunissem em 2020. Assim, a imagem mais recente é a de 2019, quando as quatro mulheres posaram para Nixon pela 44ª vez. Essas 44 repetições constituem, nas palavras de Carlos Gollonet, curador da exposição *Nicholas Nixon: Coleções Fundación MAPFRE*, “um dos estudos sobre o retrato e o tempo mais convincentes da fotografia contemporânea”.

Na verdade, a tradição da foto anual já existia entre as irmãs Brown, cujo pai costumava tirar fotos da família e utilizar como cartões de Natal. O que Nixon fez foi apropriar-se dessa história e sistematizar ainda mais a tradição ao ingressar na família. Mesmo sem conhecer essas quatro mulheres, sabemos muito sobre o afeto que nutrem umas pelas outras, como seus corpos atravessaram o tempo e a maneira de cada uma delas tomar posse de seu espaço na foto. Pelas imagens, somos testemunhas de suas vidas e histórias.

Nossa história é feita do acúmulo daquilo que vivemos diariamente: os hábitos, os acasos e os pequenos rituais. Todos os dias escovamos os dentes, bebemos água, olhamos para o teto, encontramos as pessoas que moram conosco e vivenciamos pequenas surpresas quase imperceptíveis, como um inseto que entra pela janela, uma folha que cai ou o formato engraçado de uma roupa amassada. Escolha algumas dessas partes de sua vida e transforme em histórias contadas por fotografias.

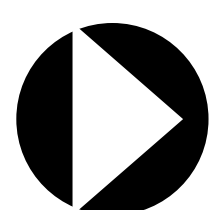
POSTE AS FOTOS EM SUAS REDES SOCIAIS COM A HASHTAG #EUNOTOMIE. APROVEITE PARA CONFERIR COMO FOI A EXPERIÊNCIA DE OUTRAS PESSOAS QUE TAMBÉM USARAM A HASHTAG.

ROTEIRO PROVOCAEDUCATIVO

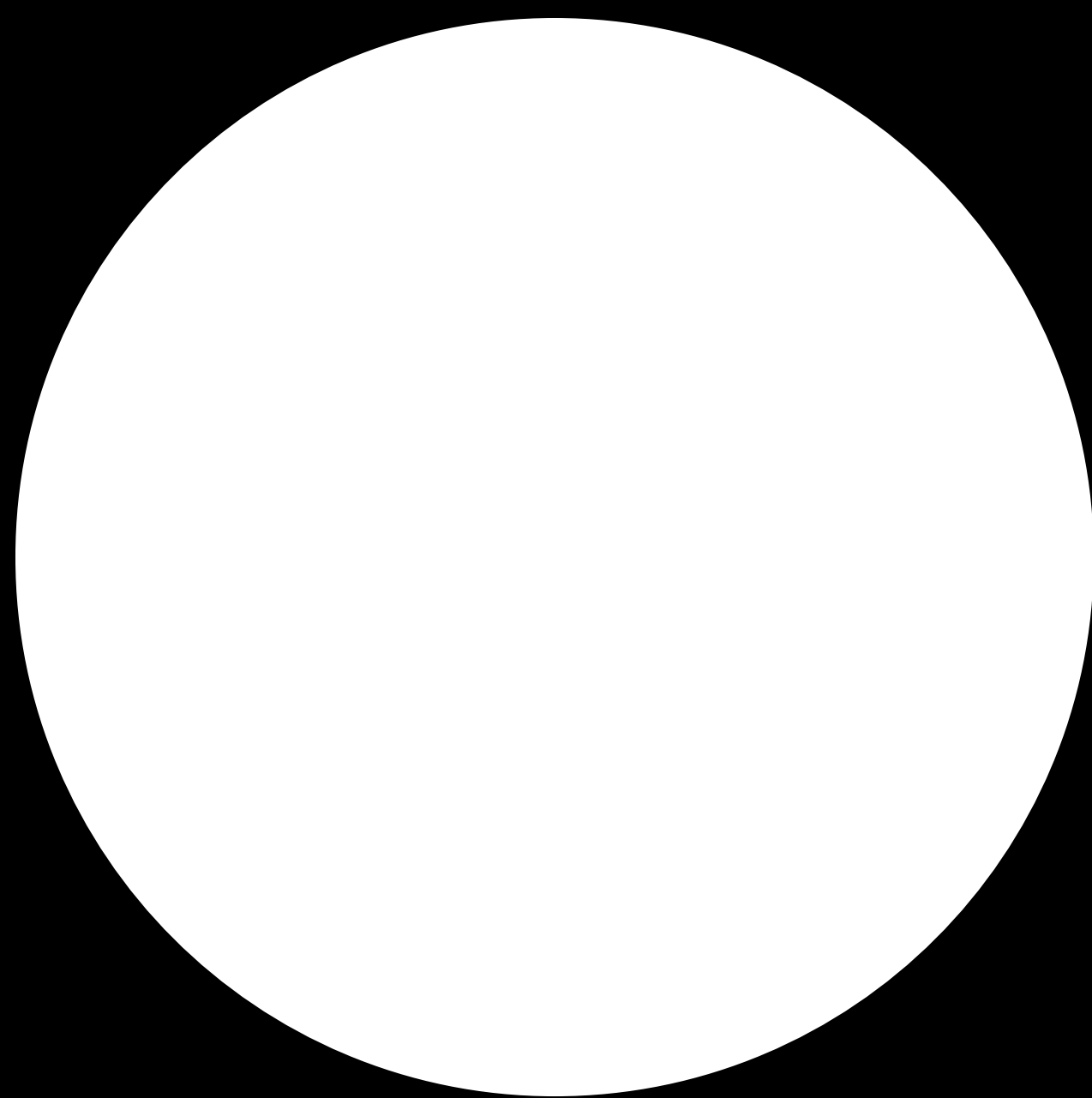
EM LIBRAS

O material *provocaeducativo* criado em Língua Brasileira de Sinais (Libras) traz a evolução do trabalho fotográfico de Nicholas Nixon tendo como eixos o tempo, a intimidade, a vida e a morte. Esses eixos foram identificados nos diálogos entre as artistas Cintia Alves (ouvinte e vidente), Malu Dini (surda e vidente) e Nayara Silva (surda e vidente) a partir da observação das fotografias de Nicholas Nixon.

Os vídeos têm linguagem poética e, ao mesmo tempo que exibem algumas fotos escolhidas, traçam um rápido perfil cronológico desde as primeiras fotos até as mais recentes.



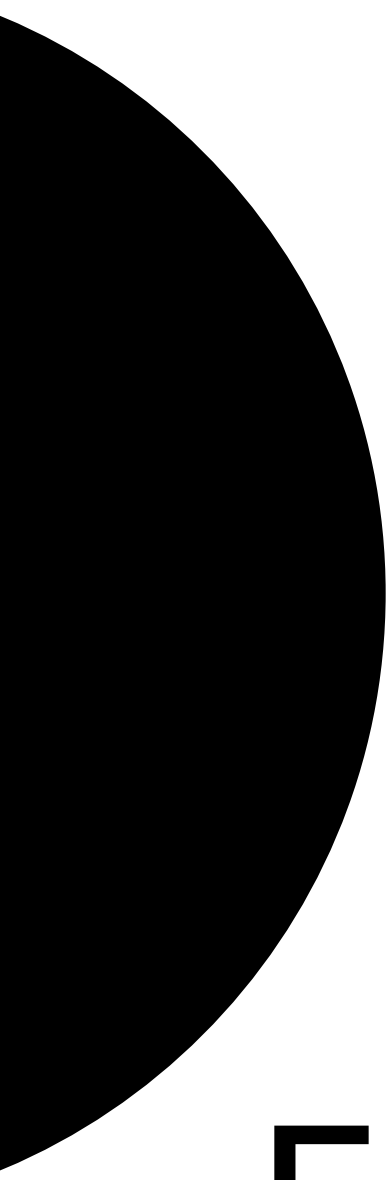
Clique aqui para acessar a playlist.



LER FOTOGRAFIAS

A fotografia faz parte de nossas vidas de um jeito intenso e indissociável. Atualmente temos câmeras fotográficas embutidas em nossos aparelhos celulares e que estão sempre ao alcance das mãos, praticamente 24 horas por dia. Da aproximação entre a fotografia e a vida cotidiana, surgiram praças virtuais criadas exclusivamente para a edição e circulação de imagens, como as redes sociais e outras plataformas que nos estimulam a produzir cada vez mais.

Fotografar é um modo popular e bastante disseminado de fazer uma anotação sobre uma experiência, um lembrete, um recado, enfim, registrar uma parte do mundo que percebemos. Fotografamos o lugar onde vivemos, os objetos que nos rodeiam, o que comemos, o que vestimos, as pessoas que encontramos e as diferentes faces que podemos ou desejamos ter. Para além das questões técnicas do equipamento e da subjetividade implicada no ato de fotografar, a fotografia é uma linguagem específica feita de matéria própria, e que está tão integrada à vida contemporânea que às vezes não percebemos que constitui uma linguagem que deciframos constantemente.



COMO OLHAR UMA FOTOGRAFIA?



 **VOLTAR**

AD  Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

As irmãs Brown, 2011
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon

Apesar das regras repetidas desde 1975 na série *As irmãs Brown*, existe muito espaço para a escolha. Além das roupas e cortes de cabelo, as irmãs definem o modo como seus corpos se encaixam no enquadramento e a expressão que desejam oferecer ao retrato feito anualmente. A intervenção de Nixon se resume a operar a câmera fotográfica e eventualmente solicitar uma maior aproximação entre as modelos, pois considera que seus corpos e faces ocupando a maior parte possível do enquadramento gera melhores resultados.

A escolha é intencional: esse tipo de enquadramento é conhecido como plano médio, no qual o assunto principal da fotografia ocupa a maior parte do espaço e as indicações geográficas não têm tanta relevância. Olhando a foto de 2011, sabemos ser um lugar bem iluminado, que a luz vem do lado esquerdo e que está ventando, mas ela nos conta – ou nos estimula a imaginar – muito mais sobre as quatro mulheres do que sobre o ambiente.

COMO LER UMA FOTOGRAFIA?



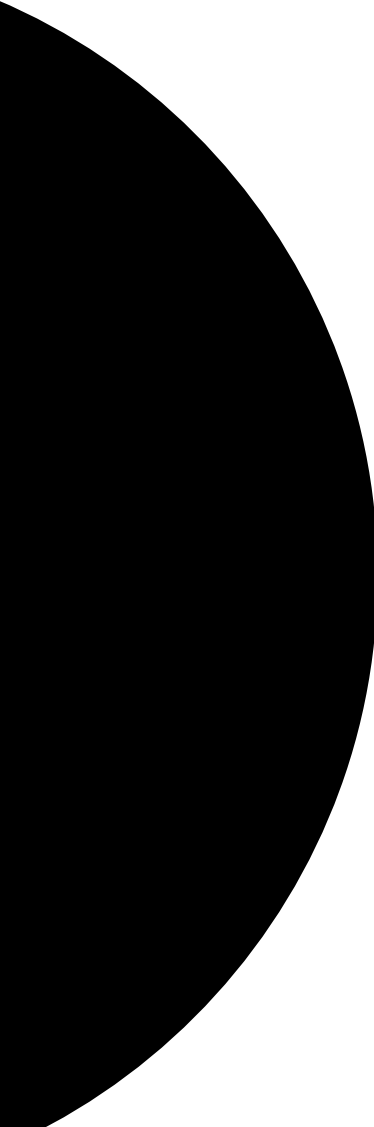
 **VOLTAR**

AD  Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

F.K., Boston, 1984
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon

Em 1984, Nixon deu início a uma série que retrata pessoas residentes em lares de idosos nos quais trabalhava como voluntário. Foi a primeira vez em que se dedicou a fotografar unicamente a pessoa e a irrefreável proximidade da morte – anteriormente os assuntos comuns eram as paisagens e as relações.

Em *F.K., Boston* (1984) a cabeça e as mãos do homem ocupam a maior parte da composição. O fotógrafo relata que o ambiente não era o mais adequado para as fotografias, o que parece ter orientado sua escolha pelo enquadramento em um plano fechado, onde o elemento mais importante e destacado é o modo como as mãos do homem pressionam a cabeça. A iluminação evidencia as rugas da testa e as mãos envelhecidas, chamando a atenção para seu gesto e suas emoções – cujo significado é tão misterioso quanto a vida e a morte.



QUAIS

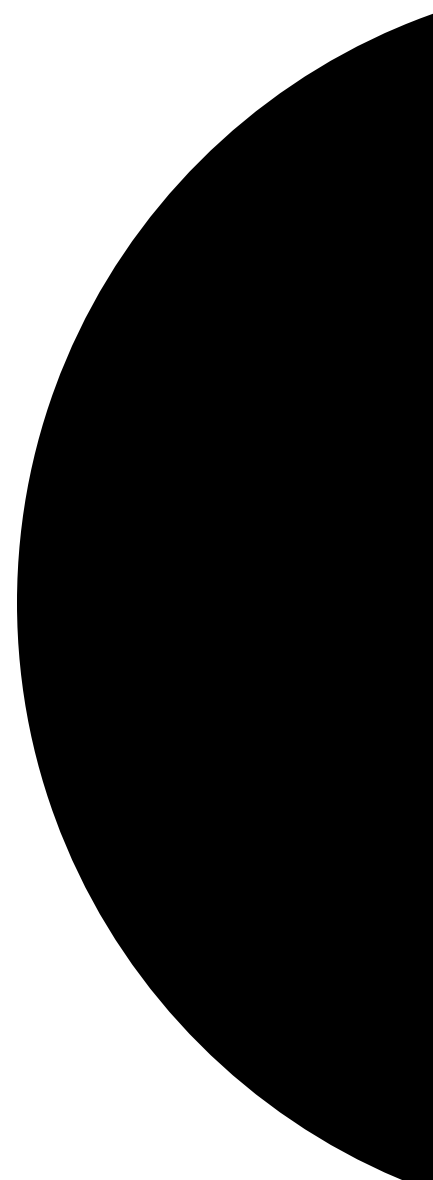
SENTIDOS

UMA

FOTOGRAFIA

PODE

EVOCAR?





 **VOLTAR**

AD))) [Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.](#)

Sam, Cambridge, 1990
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon

Sam está tão acostumado com a presença do pai fotógrafo com sua câmera que parece não reparar na aproximação. Primeiro filho de Nixon, nasceu em 1983, época em que o pai começou a construir um diário visual da vida familiar.

O foco e a iluminação da fotografia *Sam, Cambridge* (1990) nos convidam a observar a luz refletida pelas costas do menino. Podemos ver uma clara e fina penugem cobrindo a pele que revela o formato da escápula, formando uma linha que convida o olhar a percorrer a nuca e chegar à cabeça. O que prende a atenção do menino é uma revista cujas informações não podemos identificar porque estão desfocadas. Intencionalmente, o fotógrafo configura a sua câmera para que o a parte mais nítida da imagem seja precisamente a escápula de Sam sob a penugem de sua pele.



 **VOLTAR**

 Ouça a audiodescrição desta imagem clicando aqui.

Eu, Lexington, 1998
Coleções Fundación MAPFRE. © Nicholas Nixon

Ao trabalhar com fotos em preto e branco, Nixon nos convida para uma experiência sinestésica: percebemos as texturas quase como se pudéssemos tocá-las. Se as imagens fossem feitas a cores, talvez não percebêssemos com tanta intensidade as texturas e volumes.

Em *Eu, Lexington* (1998) o fotógrafo escolhe o plano detalhe para criar um autorretrato, revelando apenas a barriga parcialmente coberta por uma parte do antebraço. As marcas horizontais das dobras da pele junto ao sentido vertical dos pelos da barriga chamam a atenção para o antebraço com as veias saltadas, ainda mais perceptíveis pela incidência da luz. Essa aproximação calculada faz com que a pele e os pelos assemelhem-se uma espécie de paisagem, a forma encontrada por Nixon para compartilhar sua visão poética acerca do próprio corpo.

Qual a diferença entre legenda e descrição? A legenda é um texto que acompanha a imagem, explicando algo ou dando informações que facilitam a compreensão. Já a descrição é um texto que transmite os conteúdos relevantes da imagem para as pessoas com deficiência visual. É um recurso importante para que todos possam acessar as imagens, seja uma foto, uma ilustração, um gif etc.

Para fazer a descrição de sua fotografia, preste atenção no modo como você olha para ela: primeiro as informações gerais e depois as específicas. Tente usar uma linguagem clara, objetiva e direta, evitando julgamentos pessoais. Se a sua foto tem alguma palavra ou texto, não se esqueça de incluí-los na descrição.

Como fazer descrição de imagens?
Movimento Web Para Todos

VAMOS COMEÇAR? ESCOLHA UMA DAS ATIVIDADES DESTE MATERIAL EDUCATIVO E PRODUZA SUAS FOTOGRAFIAS. DEPOIS, FAÇA A DESCRIÇÃO E POSTE NAS REDES SOCIAIS COM AS HASHTAGS #PRATODESVEREM E #EUNOTOMIE.

FICHA TÉCNICA

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Presidente
Ricardo Ohtake

Núcleo de Pesquisa e Curadoria
Paulo Miyada COORDENADOR
Priscyla Gomes

Núcleo de Cultura e Participação
Felipe Arruda DIRETOR
Agata Rodriguez
Bruno Ferrari
Claudio Rubino
Fernanda Beraldi
Isadora Mellado
Jane Santos
Jordana Braz
Luara Carvalho
Maiara Paiva
Natália Vinhal
Pedro Costa
Thiago Zati
Victor Constantino

Produção
Vitoria Arruda DIRETORA
André Luiz Bella
Carolina Pasinato
Karina Mignoni
Lucas Fabrizzio
Rodolfo Borbel Pitarello

Administração e Finanças
Roberto Souza Leão Veiga DIRETOR EXECUTIVO
Bruno Damaceno
Carlito Oliveira Junior
Fabiana Cristina de Almeida
Yago Raphael Damaceno de Moraes
Willian dos Santos

Negócios e Comunicação
Ivan Lourenço DIRETOR
Flavio Silva
Kelly Lima

Comunicação
Vaneska Rezende
Ricardo Miyada AUDIOVISUAL

Design Gráfico
Ligia Pedra

Assessoria de Imprensa
Pool de Comunicação
Marcy Junqueira
Martim Pelisson
Flávio Silva

Informática
André Biacca

Documentação e Compras
Marcos Massayuki Sutani
Felipe Alves Ferreira dos Santos APRENDIZ

Projetos
Beatriz Lina

Secretaria
Maria de Fátima da Silva Rocha

Coordenação Operacional
Alexandre Lopes Pereira
Wagner Antônio Barbosa SUPERVISOR

Apoio
Cícera Medeiros
Daniel Soares
Edmilson Pereira
Edson José
Elcio Borges
Everton Alves
Fábio Araújo
Gilmar Batista
Marcelo Mariano
Marina Neves
Orlando Rodrigues
Raiana Ramos
Silvia Regina
Wellington Araújo

Técnica
Adilson Oliveira
Jacildo de Paula
Pedro Mario
Silvio Santos Lima

Manutenção
Camila Gonçalves
Carolina Neres
Elizandro Ferreira
Elza Santos
Luciene Monteiro
Valdir Ramos

PUBLICAÇÃO EDUCATIVA NICHOLAS NIXON

Coordenação
Felipe Arruda

Projeto editorial, pesquisa e edição
Divina Prado

Coordenação de Ação e Pesquisa Educativa
Isadora Mellado

Consultoria de acessibilidade
Claudio Rubino

Textos
Divina Prado

Design
Ligia Pedra

Revisão
Isabela Maia

Audiodescrição
COM Acessibilidade Comunicacional
Leo Alfinete
Liliana Tavares
Michelle Alheiros
Silvia Albuquerque

Videolibras
Cintia Alves
Davi Pereira
Juliana Keiko
Malu Dini
Nayara Silva

Laboratórios de criação
Bruno Ferrari
Carol Caetano
Cintia Alves
Claudio Rubino
Divina Prado
Elidayana Alexandrino
Gabriela Piernikarz
Isadora Mellado
Janice de Piero
Jordana Braz
Julia Cavazzini
Ligia Pedra
Lívia Vilas Boas
Luara Carvalho
Malu Dini
Marcello Vitorino
Michele Alonso
Mirela Valverde
Nayara Silva
Pedro Costa
Renato Akio

Este material educativo foi publicado por ocasião da exposição *Nicholas Nixon: Coleções Fundación MAPFRE*, realizada pelo Instituto Tomie Ohtake de 22 de janeiro a 18 de abril de 2021.



Os vídeos e páginas de terceiros indicados neste material educativo são de exclusiva responsabilidade dos autores.

Caso algum link não funcione corretamente, tente fazer download novamente pelo site do Instituto Tomie Ohtake ou entre em contato conosco pelo e-mail participacao@institutotomieohtake.org.br.

INSTITUTO TOMIE OHTAKE

Complexo Aché Cultural
Av. Faria Lima, 201 | Pinheiros, São Paulo - SP
Entrada pela Rua Coropés, 88
(11) 2245-1900 | www.institutotomieohtake.org.br

ACOMPANHE O INSTITUTO TOMIE OHTAKE NAS REDES SOCIAIS





patrocínio



organização e realização

Fundación **MAPFRE**



apoio de mídia



realização

